

**FUNKS, ANÁLISE MORFOLÓGICA
E LEITURA DE TEXTO E MUNDO**

Ana Beatriz Antonio de Alcantara (IFRJ)
anabia92011@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem o propósito de apresentar os desdobramentos de uma pesquisa de campo realizada no primeiro semestre de 2021, a partir da análise feita anteriormente com *funks*, em que ocorrem vocábulos formados pela adição do sufixo *-mente*, criando advérbios como “abusadamente”, “malandramente”, “automaticamente”. Através da análise das músicas, verificamos que o enunciador, geralmente, é um homem que apresenta um ponto de vista sobre as mulheres. Desse modo, investigamos, na pesquisa, que visão de mundo sobre as mulheres e sobre a sociedade ocorre. Através da aplicação de testes com falantes do português, refletimos se a combinação desses novos advérbios com as letras transmite ou não, ao público alvo, ideais machistas, exemplos de objetificação da mulher. Temos, também, o objetivo de verificar se há percepção do discurso machista nas músicas ou se, devido à musicalidade, ritmo e cultura, tais músicas são consideradas livres de estereótipos.

Palavras-chave:
Advérbios. *Funk*. Morfologia.

ABSTRACT

This article aims to present the developments of a field survey conducted in the first half of 2021, from the analysis made previously with *funks*, in which words formed by the addition of the suffix *-mente*, creating adverbs as “abusadamente”, “malandramente” e “automaticamente”. Through the analysis of the songs, we found that the enunciator, usually, is a man who presents a point of view on women. Thus, we investigate, in research, that worldview about women and society occurs. Through the application of tests with speakers of the Portuguese, we reflect whether the combination of these new adverbs with the letters conveys or not, to the target audience, sexist ideals, examples of objectification of women. We also have the objective of verifying if there is perception of sexist discourse in music or if, due to musicality, rhythm and culture, such songs are considered free of stereotypes.

Keywords:
Adverbs. *Funk*. Morphology.

1. Introdução:

Os seres humanos são seres sociais. Esse traço comportamental nos compele a interagir, associar-nos e cooperar com outros seres humanos de interesses similares. Para todas essas ações, necessita-se de comunicação, e a ferramenta mais corriqueira para a comunicação é a língua. Ao passo que os indivíduos falantes mudam, seja através do tempo, do

espaço e do contexto social em que o fazem, a língua muda em conformidade. Essa comunicação pode ser feita de várias maneiras, e uma delas é por meio da arte, principalmente, nas músicas.

O *funk* carioca é um estilo musical criado no Rio de Janeiro, oriundo das comunidades, com o objetivo inicial de verbalizar as situações de precariedade vividas pelos moradores daqueles locais e, hoje em dia, espalhou-se por todo o país. Os temas destas músicas, atualmente, focalizam, muitas vezes, o comportamento das pessoas nos bailes *funks*.

Devido a essa mudança de foco, o *funk* tem, como público alvo, vários tipos de grupos sociais, adaptando, assim, a linguagem utilizada nas músicas. Além de usar expressões, palavras de conhecimento de diversos grupos (de classe baixa ou alta), é notável a criatividade nos novos usos linguísticos realizados pelos autores das músicas. Neologismos são criados e processos de formação de palavras adquirem novos usos.

Nosso *corpus* foi construído com base numa *playlist* do *spotify* que contém apenas *funks* com advérbios em *-mente*, de outras músicas encontradas através de busca no *google* e os resultados de uma pesquisa realizada no primeiro semestre de 2021, com 26 entrevistados com faixa etária de 16 a 22 anos. Verificamos que, em algumas músicas, as palavras com *-mente* relacionam-se não com verbos ou orações, mas com a música inteira, o que extrapola a função de advérbio dessa classe gramatical. Além disso, os advérbios terminados em *-mente* não apresentam o sentido de modo, mas sentidos diversos; observamos também que as palavras com advérbio em *-mente* apresentam função expressiva, que consiste no juízo de valor indicado pelo falante através do uso de afixos (Cf. GONÇALVES, 2011).

Alguns autores acreditam que o *funk* é uma produção musical que transmite ideias machistas e outros defendem que o eu lírico se posiciona de maneira mais leve e sem necessariamente expor tais convicções. Para realizar uma reflexão sobre a existência ou não de machismo nessas músicas, fundamentamo-nos principalmente no aporte teórico de Mizrahi (2018) e Caetano (2015).

Desse modo, investigamos, na pesquisa, que visão de mundo sobre as mulheres e sobre a sociedade ocorre. Através da análise exaustiva sobre as músicas, verificamos que o eu lírico, geralmente, é um homem que apresenta um ponto de vista sobre as mulheres. Através da aplicação de testes com falantes do português, refletimos se a combinação desses novos advérbios com as letras das músicas transmite ou não, ao público

alvo, ideais machistas, exemplos de objetificação da mulher. E, a partir destes, temos o objetivo de verificar se há a percepção de discurso machista nas músicas ou se, devido à musicalidade, ritmo e cultura, tais músicas são consideradas livres de estereótipos.

2. Fundamentação teórica

Utilizamos para o nosso aporte teórico o artigo “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao *funk* carioca”, por Mylene Mizrahi (2018), e a dissertação de mestrado “MY PUSSY É O PODER: Representação feminina através do *funk*: identidade, feminismo e indústria cultural”, por Mariana Gomes Caetano (2015).

Começamos a pesquisa, analisando o ponto de vista de Mizrahi (2018), em seu artigo, sobre como a questão de gênero é abordada no meio do *funk*. Em seu texto, ela sugere que, para o homem, ser reconhecido como um Mc de sucesso e representar a imagem de masculinidade proposta pela sociedade necessita de “adornos”, que podem ser malotes de dinheiro, um fuzil, joias, tênis e roupas de marca, entre outros, mas também existe o “adorno” que não é material, a mulher, através da qual o “homem” se vangloria nas festas, o que se mostra muito importante na esfera musical. A mulher é o adorno “empoderador” do homem, o que poderia levar a pensar que a mulher é vista de uma maneira objetificada.

Contudo, a relação de poder que é vista no ambiente, muitas vezes, não está ligada a uma hierarquização e sim a um poder exercido tanto pelo “homem” quanto pela “mulher”. Essa questão pode ser elucidada se pensarmos que o homem funkeiro necessita da mulher pra reforçar a sua masculinidade e que, em troca disso, a mulher acaba recebendo um status que, de certo modo, é bem aproveitado pela mesma.

Desse modo, a mulher é que permite ao homem a chance de se vangloriar de sua presença. A presença do homem ao seu lado não é o que faz com que elas tenham um grande impacto visual quando eles chegam às festas e sim o carro imponente que ela está, a beleza, as roupas, o que é financiado pelos homens. Em outras palavras, são os homens que dependem da imagem das mulheres muitas vezes.

Analisamos também o primeiro capítulo da tese de Caetano, no qual ela aborda a representação feminina no ambiente *funk* e levanta debates importantes, como a disputa das funkeiras por outra forma de re-

apresentação na sociedade, através de estratégias para driblar a lógica e os padrões. Essas estratégias causam certo estranhamento ao movimento feminista, sendo essas ações consideradas contraditórias.

Podemos citar a hirpese sexualização das mulheres, o que, na visão de algumas ativistas, pode contribuir para a competição entre elas e ferir a sororidade. Entretanto, esses discursos e a forma como as cantoras abordam a sexualidade feminina nas músicas podem ser maneiras possíveis que as funkeiras encontraram de verbalizar ideais feministas com uma linguagem que atinja as mulheres de classes mais populares.

Esses textos foram de extrema importância para elucidar algumas questões que apareceram durante a pesquisa, como, por exemplo, se a música for cantada por uma funkeira e abordar como ela dança sensualmente, será considerada com ideais machistas ou é somente uma maneira de demonstrar como a própria se sente? Duas outras questões também se impõem: as mulheres no meio do *funk* possuem autonomia para cantar o que querem? O que as ativistas feministas pensam sobre essa vertente feminista? As duas autoras tendem a acreditar que as mulheres, nesse sentido, reconhecem e sabe sobre sua sexualidade e que isso não é um problema que deva permanecer no escuro.

A questão do lugar de fala dessas mulheres no *funk* é abordada de maneiras diferentes pelas duas autoras, mas, ao mesmo tempo, apresentam semelhantes pensamentos de que as mulheres pobres, de comunidade e, muitas vezes, negras podem sim possuir ideais feministas e que a maneira de se portar perante o homem não é uma questão de submissão e sim, possivelmente, a única forma que as mesmas encontraram de poder ter voz em um ambiente que na maioria das vezes é bem hostil para com elas.

3. *Breve análise de dados anteriores*

Nosso objetivo, no início da pesquisa, foi observar se o sentido que as palavras formadas pela junção do sufixo *-mente* possuem é o sentido tradicional da gramática (de modo) ou se apresenta outros sentidos. Alguns desses advérbios apresentam uma função atitudinal/expressiva (Cf. GONÇALVES, 2002; 2011). Através das formações com *-mente*, o eu lírico das músicas, em diversos momentos, apresenta a sua impressão / juízo de valor para as mulheres e seus atos.

Outra característica a ser ressaltada é que o advérbio parece se relacionar às músicas inteiras e não a um verbo ou oração específica. O advérbio em –mente inicia as músicas e tem, como escopo, o texto inteiro, no qual aparece a visão de mundo do locutor sobre determinada mulher. Somente a música “Derrepentemente” tem um eu lírico feminino; apresentamos uma análise dela no artigo.

“Derrepentemente” (por MC Plebéia e MC Sandy) é a música que nos fez aprimorar mais nossas noções sobre as vertentes do feminismo e também o posicionamento dessas cantoras sobre o seu jeito de se expressar. Até o momento da análise, podemos afirmar que existem maneiras diferentes de interpretar a música em questão.

A primeira é que o machismo está enraizado na sociedade, a cantora sem perceber acaba reproduzindo falas machistas e acaba não percebendo que, em sua música, há casos de objetificação da mulher. A segunda é que, por ela estar em um local de destaque e falando por si mesma na música, só está afirmando como ela gosta de se divertir e dançar e que não existem falas machistas na obra. Já, numa terceira hipótese, o jeito de cantar e representar a música podem ser algo criado para que ela consiga fazer sucesso com sua música a mando de um produtor, assim não deixando que ela participe da escolha do que deve cantar.

Devido a essas diversas interpretações, realizamos uma primeira pesquisa de campo no IFRJ e tivemos resultados satisfatórios naquele momento, porém observamos que a faixa etária e ambiente de convívio parecidos entre os entrevistados dificultou a análise e problematização feita na pesquisa, situação que incentivou a criação dessa nova pesquisa no primeiro semestre de 2021.

4. Metodologia:

A coleta de dados ocorreu de três maneiras: 1) para análise geral, escolhemos músicas de *funk* formando advérbios -mente, oriundas de uma *playlist* do *spotify*; 2) buscamos textos da gramática tradicional e de linguística que contextualizassem a função e o sentido dos advérbios; 3) utilizamos literatura específica de estudos sobre *funks* e as visões desses autores sobre as questões do machismo e da objetificação da mulher nas músicas; focalizamos 4) dados de pesquisa com um questionário, realizada através da plataforma “google formulários” e disponibilizada na página do *Facebook* “Fórum do Cart”; 5) revisão do questionário elaborado.

5. **Resultados:**

Abaixo, apresentamos os questionamentos e resultados dessa pesquisa:



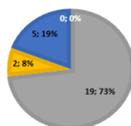
GÊNERO DOS ESTREVISTADOS

■ Gênero Feminino ■ Gênero Masculino



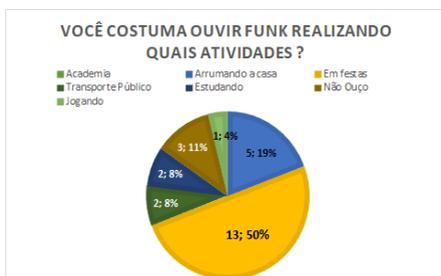
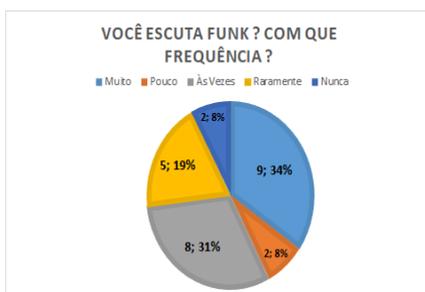
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS

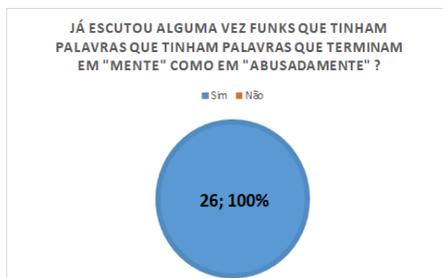
■ Ensino Fundamental Cursando ■ Ensino Fundamental Concluído
 ■ Ensino Médio Cursando ■ Ensino Médio Concluído
 ■ Ensino Superior Cursando ■ Ensino Superior Concluído

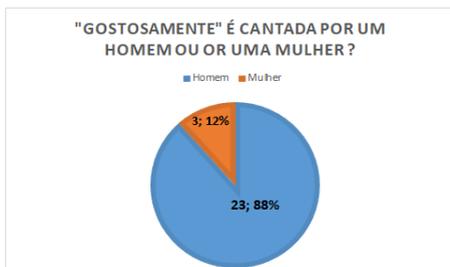
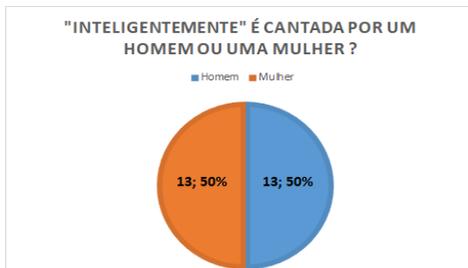
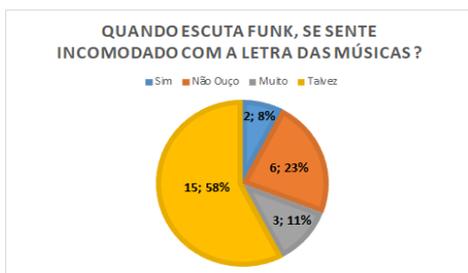
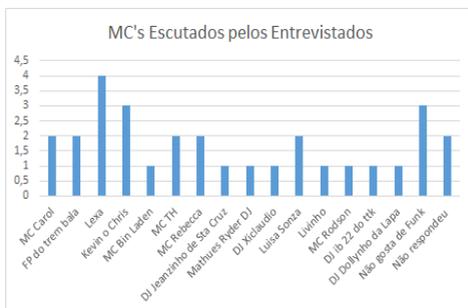


RENDA FAMILIAR DOS ENTREVISTADOS









6. *Discussão e análise da pesquisa:*

Com as respostas das 6 (seis) primeiras perguntas, conseguimos traçar o perfil aproximado de nossos entrevistados, sendo eles em sua maioria mulheres, maiores de idade, cursando o ensino médio técnico, tendo renda familiar maior que 2,5 salários mínimos e que consomem funk em quase todos os momentos do dia.

Quando perguntados se se sentiam incomodados com as letras dos *funks*, grande parcela afirmou que talvez se sentia incomodado, pela questão da sexualização e objetificação da mulher apresentada nessas músicas, porém tiveram aqueles que, por terem crescido em um ambiente que normalmente se escuta funk, as letras não incomodavam ou traziam outros questionamentos e reflexões.

Essa situação nos mostra que, dependendo da localidade e região que o indivíduo viva, sua percepção de mundo se torna diferente e suas convicções, muitas vezes, possam ser adversas ao da maioria, o que explica a hipótese de Caetano (2015) e Mizrahi (2018) de que no ambiente funk a mulher, muitas vezes, não veem a maneira “sexualizada” de cantar como um ataque e sim a maneira de sobreviver em ambiente tão hostil.

Como nossa pesquisa se iniciou como o estudo de músicas que criavam advérbios em *-mente*, perguntamos aos entrevistados o que eles achavam desse estilo de *funk*, e a maioria respondeu que gostava, porém, uma grande parcela não se interessa mais por essas músicas presentes no corpus, pois, na opinião dos mesmos, são antigas e não fazem mais sucesso.

Questionamos também se eles achavam que os *funks* com *-mente* objetificavam mais ou menos as mulheres em comparação com os outros estilos de *funk* como os 150 BPM. Muitos responderam que objetificam de maneira igual, já que eles também falam sobre o corpo da mulher; todavia, algumas pessoas acreditam que os *funks* com advérbio em *-ente* objetificam menos por não serem tão explícitos.

- ✓ Apresentamos, aos entrevistados, duas músicas fictícias que formavam advérbios em *-mente*, sendo elas “inteligentemente” e “gostosamente”

Perguntamos qual seria o tema da música apresentado em “inteligentemente” e nos foram respondidas 3 principais hipóteses: 1) o enunciador é um homem que usou de sua inteligência para enganar uma mulher no baile ou trair sua namorada; 2) o enunciador é uma mulher que usou

da sua inteligência para conseguir algum favor do homem; 3) seria um tema remetendo aos *funks* antigos, que abordavam a maneira de uma facção ou grupo agir.

Perguntamos também se eles achavam que era um homem ou uma mulher cantando, e o resultado foi meio a meio.

Já em “gostosamente”, quase 100% das respostas trouxeram a hipótese de que essa música fala, a partir do ponto de vista do homem, da maneira que a mulher dança ou a maneira que ela realiza o ato sexual.

Quando perguntados se era um homem ou uma mulher cantando, a maioria achou que era um homem.

Com essas respostas, podemos perceber como a palavra que será complementada com o sufixo *-mente* para a criação do advérbio influencia na opinião das pessoas. Se o adjetivo sozinho representa um ato físico ou uma caracterização sexual como em “gostosa” (adjetivo relacionado a algo sensível), as pessoas tendem a imaginar um homem objetificando a mulher. Já quando ocorre uma base com um adjetivo mais abstrato (relacionado a algo inteligível), pode até se remeter a uma mulher ao ocorrer o acréscimo do sufixo, porém a imagem disso é feita de forma “machista”.

7. Conclusão:

Após a discussão exaustiva da literatura, identificamos que o *funk* é um estilo de música passível de diversas considerações a respeito do machismo e da objetificação da mulher, e, por esse motivo, a afirmação de que esses realmente coexistem nas músicas não é concreta. Com a nossa pesquisa, obtivemos resultados significativos com relação à análise das músicas de *funk* com advérbio em *-mente* e refletimos sobre como as mesmas transmitem os ideais machistas ou não para o público.

A partir dos resultados adquiridos, percebemos que o ambiente onde a pessoa vive influencia bastante no discernimento da mesma sobre qualquer assunto, principalmente sobre as letras de *funks*. Alteramos e reelaboramos o primeiro questionário a partir de discussão com os colaboradores e de leitura teórica sobre o *funk*.

Conseguimos investigar plenamente com as relações dos advérbios terminados em *-mente* e os ideais machistas e discutimos, através de Caetano (2015) e Mizrahi (2018), como essas músicas e os advérbios es-

colhidos contribuem com as convicções das pessoas sobre a postura e ações das mulheres. Em projetos futuros, pensamos também em analisar mais *funks* que apresentam sufixo -ão e -ada, pois identificamos, através da pesquisa que nosso corpos atual se tornou obsoleto. Além disso, pretendemos identificar se esses novos *funks* seguem a tendência dos *funks* com advérbio em -mente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAETANO, Mariana Gomes. *MY PUSSY É O PODER*: representação feminina através do funk: identidade, feminismo e indústria cultural. Dissertação (Mestrado em culturas e territorialidades) – UFF/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2015.

GONÇALVES, C. Morfopragmática da intensificação sufixal em português. *Revista de Letras*, Rio de Janeiro, 2002.

_____. *A iniciação aos estudos morfológicos*: flexão e derivação. São Paulo: Contexto, 2011.

MIZRAHI, Mylene. O rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. *Cadernos Paqu*, Rio de Janeiro, 2018.

MOREIRA, Raquel. *Bitches unleashed*: Women in rio's funk movement, performances of heterosexual femininity, and possibilities of resistance. Tese (Doutorado) – Denver, University of Denver, 2014.